



O lugar da criação no processo de educação: o pensamento de Castoriadis e a relação com o tema.

Aline Cristina Riffel*

Sidinei Pithan da Silva (Orientador)¹

Resumo

Este trabalho propõe investigar e compreender o conceito de criação em Cornelius Castoriadis. Este autor que foi um importante pensador político, crítico social, psicanalista e economista, teve suas pesquisas sempre estruturadas na questão da autonomia, trazendo importantes contribuições para educação. A proposta de reflexão sobre a educação, não apenas em um sentido amplo, mas relacionado a uma preocupação com a qualificação dos processos educativos e dando destaque às questões referentes ao Imaginário e à Criação Humana. Trata-se de um estudo eminentemente bibliográfico, que utiliza uma abordagem qualitativa, que possibilita traçar um paralelo entre os conceitos e a obra de Cornelius Castoriadis. Traz como objetivo compreender o lugar do conceito criação desenvolvido pelo autor, sempre analisando suas interfaces com os processos educativos. O fato de estarmos em constante desenvolvimento, aprendizagem e evolução nos coloca diante de inúmeras possibilidades de reflexão. Castoriadis vem nos apresentar o conceito de criação como uma perspectiva de estarmos em constante reinvenção, refletindo sobre nós mesmos e sobre as inúmeras possibilidades de desafios que o social nos implica. Associando conceitos de criação, autonomia e imaginário, com a prática psicanalítica, podemos perceber a proximidade com a educação e a condição de criadores do nosso próprio espaço-tempo, além de identificar como este processo é necessário na construção do aprendizado.

Palavras-chave: Criação. Autonomia. Imaginário. Psicanálise. Educação.

* Aline Cristina Riffel – Pedagoga (UFMS), Psicóloga (UNIJUÍ), Mestre em Educação (UNIJUÍ), Professora no Centro Tecnológico Frederico Jorge Logeman de Horizontina, Psicóloga na Clínica Reativa, Professora do curso de Engenharia de Produção na FAHOR (Faculdade Horizontina), Coordenadora do NAP – Núcleo de Apoio Psicopedagógico da FAHOR. E-mail: riffelalinec@fahor.com.br

¹ Sidinei Pithan da Silva – Doutor em Educação (UFPR). Professor do Departamento de Humanidades e Educação (Unijuí-RS).



24 Y 25 DE AGOSTO DE 2018 | CAMPUS URBANO | UNAe | ENCARNACIÓN, PARAGUAY



UNIVERSIDAD
AUTÓNOMA DE
ENCARNACIÓN

THE PLACE OF CREATION ON THE EDUCATION PROCESS:

Castoriadis thinking and its relation with the topic.

Abstract

This study proposes to investigate and understand the concept of creation in Cornelius Castoriadis. This author, who was an important political thinker, social critic, psychoanalyst and economist, has performed his research always structured on the issue of autonomy, bringing important contributions to education. The proposal of reflection on education is, not only in a broad sense, but also related to a concern with the qualification of educational processes and highlighting the issues concerning the Imaginary and Human Creation. This is an eminently bibliographical study, using a qualitative approach, which makes it possible to draw a parallel between the concepts and the work of Cornelius Castoriadis. It aims to understand the place of the concept creation, developed by the author, always analyzing its interfaces with the educational processes. The fact that we are in constant development, learning and evolution processes puts us before countless possibilities of reflection. Castoriadis presents us with the concept of creation as a perspective of being in constant reinvention, reflecting on ourselves and the innumerable possibilities of challenges that the social implies. By associating concepts of creation, autonomy and imaginary, with psychoanalytic practice, we can perceive the proximity to education and the condition of creators of our own space-time, in addition to identifying how this process is necessary in the construction of learning.

Key words: Key words: Creation; Autonomy; Imaginary; Psychanalisis; Education.



IV Encuentro de Investigación de
**Ciencias Jurídicas
Humanas y Sociales**
Nada vale la ciencia si no se convierte en Conciencia
24 Y 25 DE AGOSTO DE 2018 | CAMPUS URBANO | UNAe | ENCARNACIÓN, PARAGUAY



UNIVERSIDAD
AUTÓNOMA DE
ENCARNACIÓN

Introdução

A pesquisa propõe investigar e compreender o conceito de criação em Cornelius Castoriadis desdobrando seus significados para a educação. Ela, atravessa questões filosóficas e políticas, as quais são centrais para pensar a educação. Perpassa o campo da Psicologia e da Pedagogia, caracterizando a importância deste autor e dos conceitos abordados para a educação. Não apenas em um sentido amplo de educação, mas relacionado a uma preocupação com a qualificação dos processos educativos e dando destaque às questões referentes ao Imaginário e à Criação Humana presentes na sala de aula e tão determinantes na construção do conhecimento e da aprendizagem.

A pesquisa investiga o lugar desse processo de criação individual e subjetiva do conhecimento e como se constitui a criação nos processos de aprendizagem desenvolvidos na educação. Para além dessas questões faz-se necessário compreender a grandiosidade das reflexões de Castoriadis acerca desta temática e sua importância na educação. A importância das reflexões do autor para compreender a formação do humano, de como nos constituímos enquanto seres sociais graças ao exercício da autonomia, do imaginário e da criação e da recriação desse mundo que é social e histórico.

O grande desafio da educação é proporcionar o desenvolvimento do sujeito aprendiz e, conseqüentemente, de todos os envolvidos no projeto da sociedade. Isso se constrói a partir do estabelecimento de relações que impulsionem o aprender, segundo as perspectivas do autor, vistos como aprender a aprender, aprender a descobrir e aprender a inventar.

Trata-se de um estudo eminentemente bibliográfico, que utiliza uma abordagem qualitativa, que possibilita traçar um paralelo entre os conceitos e a obra de Cornelius Castoriadis. Traz como objetivo compreender o lugar do conceito criação desenvolvido pelo autor, sempre analisando suas interfaces com os processos educativos. Associando conceitos de criação, autonomia e imaginário, com a prática psicanalítica, podemos perceber a proximidade com a educação e a condição de criadores do nosso próprio espaço-tempo, além de identificar como este processo é necessário na construção do aprendiz, ou mesmo, a constituição da subjetividade (do eu), e do imaginário radical, na interface do imaginário instituído (do nós). Está estruturado em três capítulos, o



primeiro contextualizando o autor e o seu conceito de criação, o segundo o lugar da criação na educação, e no terceiro a relação da criação com a aprendizagem.

O conceito de criação em Castoriadis

Cornelius Castoriadis (1922-1997) nasceu em 11 de março de 1922, em Constantinopla, mas mudou-se ainda bebê para Atenas. Filósofo, pensador político, crítico social, psicanalista e economista exerceu importantes papéis em Paris, e em suas críticas afirmava que todo cidadão é capaz de se autogovernar e/ou autogerenciar, não necessitando de governantes, autoridades políticas ou religiosas que façam isso por ele. Sem dúvida este é o aspecto mais discutido em suas produções: a questão da autonomia. Participou ativamente em grupos de resistência à ditadura e ao stalinismo, criando, juntamente com Claude Lefort o grupo *Socialismo ou Barbárie*, que além de um grupo organizado de resistência, originou a revista com o mesmo nome. Castoriadis escreveu muitas vezes com o pseudônimo Pierre Chaulieu, principalmente quando se posicionava em relação à política para proteger-se da opressão stalinista. Desenvolveu o conceito de política e defendeu a tendência da ação autônoma como transformadora da sociedade, defendendo o socialismo. Mesmo tendo diferentes características em sua escrita, permanece inevitavelmente discutindo as questões da autonomia em todas elas e afirma sempre as questões da criação imaginária do social.

Herdeiro de vários autores e eminentemente crítico a todos ao mesmo tempo, afirmava que só há liberdade onde possa haver sujeito. Por este motivo contribui com uma concepção muito original, a da história como uma criação do imaginário social. Sem destacar um autor específico como referência de suas pesquisas, constantemente reforça a impossibilidade de construção de algo novo do nada. Afirma que tudo é um processo de transformação e aperfeiçoamento de algo que já existiu anteriormente e até mesmo as interpretações filosóficas constituem-se neste viés. “A criação pressupõe a criação” (CASTORIADIS, 1987, p. 281).

Os gregos foram os primeiros a suscitar a existência de um sentimento passível de ser compartilhado, de uma “empatia” para com o outro e a estruturação de uma sociedade verdadeiramente coletiva. Castoriadis (1987, p. 271) reconhece a Grécia como “o *locus* social-histórico onde foram criadas a democracia e a filosofia e onde se



IV Encuentro de Investigación de Ciencias Jurídicas Humanas y Sociales

Nada vale la ciencia si no se convierte en Conciencia

24 Y 25 DE AGOSTO DE 2018 | CAMPUS URBANO | UNAe | ENCARNACIÓN, PARAGUAY



UNIVERSIDAD
AUTÓNOMA DE
ENCARNACIÓN

encontram, por conseguinte, nossas próprias origens”, e é por termos esta possibilidade de exercício da reflexividade e da autonomia, possibilitada pela democracia, que somos sujeitos capazes de considerar e valorizar algo que está fora de nós ou de nossa cultura, reconhecer como valoroso e belo o que é criado por outros e criar nossas formas diferenciadas de organização social, estruturação das instituições, representações de nossos anseios e desejos através das artes. Mesmo possuindo origens diferentes, tanto criações artísticas quanto sociais e científicas, emanam de um conhecimento prévio, de uma história que às precede, e que só pode ser valorizada e reconhecida em virtude da cultura grega que nos origina enquanto sociedade.

A história é criação: criação de formas totais de vida humana. As formas sociais-históricas não são “determinadas” por “leis” naturais ou históricas. A sociedade é autocriação. “Quem” cria a sociedade e a história é a sociedade instituinte, em oposição à sociedade instituída: sociedade instituinte, isto é, imaginário social no sentido radical (CASTORIADIS, 1987, p. 271).

Se a sociedade é criação e a história também é criação é fundamental pensarmos em dois aspectos extremamente relevantes nas questões da criação histórica da sociedade: um é que não há possibilidade de criação em sociedades em que prevalecem o totalitarismo e a “clausura cognitiva”, em sociedades em que valores e princípios são irrevogáveis e inquestionáveis; e o outro, é que a criação só é possível a partir do imaginário, da capacidade de imaginar novas representações e colocá-las em prática. Este movimento de radicalidade, é também um questionamento sobre a sociedade, o que Castoriadis (1987, p. 274) vai chamar, absorvendo o conceito de juízo de Kant, de “juízo” O sujeito, ao exercer seu poder questionador, não está dissociado das tradições, ele afirma que “o simples ato de julgar e de escolher pressupõem a tradição e a história” na qual “fazemos parte”.

Em Castoriadis a grande questão é Kantiana, estando sua crítica voltada ao fato de Kant não ter dado a devida atenção à questão do imaginário como instância que possibilita o entendimento de mundo e, também, a mesma crítica dada a Freud. Ambos os autores esquecem de considerar, a saber, o mundo social e histórico como constitutivo do sujeito, sendo ainda o sujeito, em Kant, “desencarnado” e “transcendental”.

Castoriadis reconhece e reforça que é a terceira Crítica de Kant que apresenta “a intuição do ato da criação” como seu “gérmen mais precioso”, e que a contribuição mais



IV Encuentro de Investigación de Ciencias Jurídicas Humanas y Sociales

Nada vale la ciencia si no se convierte en Conciencia

24 Y 25 DE AGOSTO DE 2018 | CAMPUS URBANO | UNAe | ENCARNACIÓN, PARAGUAY



UNIVERSIDAD
AUTÓNOMA DE
ENCARNACIÓN

relevante do processo de criação é que este torna-se “incontrolável”. A pergunta de Castoriadis a Kant é “Se as normas são elas mesmas criadas, como escapar da atemorizante ideia de que o próprio Bem e o próprio Mal são, também eles, criações social-históricas?” (CASTORIADIS, 1987, p. 289). Esta reflexão nos provoca o pensamento de como, enquanto sujeitos e instituições, somos capazes de criar absolutamente a totalidade do mundo, e reconhecer cada criação como verdadeira, passível de julgamento, análise e transformação, possibilitando novas criações e a continuidade evolutiva, possibilitada pelas crises de concepções, radicalidades em relação à história, explosão da eminente necessidade de autonomia por parte dos sujeitos. O autor reconhece que este processo de “crise” e de “reflexividade” só é possível no mundo social greco-ocidental no qual “A política e a filosofia, e a sua ligação, foram criadas” e aonde as discussões e debates sobre a história e a tradição são possibilitadas.

Nesta criação geral da sociedade, cada instituição particular e historicamente dada da sociedade representa uma criação particular. Criação, no sentido em que a entendo, significa a instauração de um novo *eidós*, uma nova essência, uma nova forma no sentido pleno e forte deste termo: novas determinações, novas normas, novas leis. (CASTORIADIS, 1987, p. 271).

A própria estrutura de escrita e pesquisa de Castoriadis reflete a convicção dele em relação a esta instituição imaginária criada pelo social, sendo ela relação constante entre o imaginário instituído e o imaginário instituinte, a tradição e a radicalidade.

Ele também destaca a relação entre a autonomia e a formação do imaginário, trazendo a relação entre esses conceitos com o que determina o fator criativo do sujeito. Castoriadis (1982, p. 124) afirma que “A característica essencial do discurso do Outro, do ponto de vista que aqui interessa, é sua relação com o imaginário”. E não o que é capaz de imaginar, criar e escolher a partir de ideias soltas, mas aquele capaz de fazê-lo seguindo referenciais já internalizados pelo imaginário. Mas especificamente sobre o imaginário e a autonomia o próximo capítulo se encarregará de abarcar maiores considerações.

A partir do estudo de Rotolo (2011, p. 22), sobre Castoriadis, é possível compreender que a práxis e a autonomia caminham juntas e estão diretamente relacionadas à psique humana, ela compreende através de uma importante reflexão a “história como criação, valorização do imaginário como produto da realidade, no desenvolvimento de uma teoria capaz de agir reflexivamente e de, através disso, rumar à



IV Encuentro de Investigación de Ciencias Jurídicas Humanas y Sociales

Nada vale la ciencia si no se convierte en Conciencia

24 Y 25 DE AGOSTO DE 2018 | CAMPUS URBANO | UNAe | ENCARNACIÓN, PARAGUAY



UNIVERSIDAD
AUTÓNOMA DE
ENCARNACIÓN

autonomia”. Seus estudos estão fundamentados no iluminismo com vistas à “autorreflexão”, à “liberdade”, associando o “político” à autonomia do sujeito. Ela faz um importante paralelo entre a criação e a autonomia, afirmando que constituímos nossos valores na cultura e com quem nos relacionamos. O estudo de Rotolo (2011, p. 162) finaliza seu pensamento ao apresentar que “a lógica essencial que constitui o cerne do devir histórico, é o processo constante de criação. Esta criação, por sua vez, visa à autonomia”, mas não relaciona o exposto aos espaços, às instituições, voltadas para formação dos sujeitos, não os relaciona diretamente à questão da educação.

Castoriadis vem nos apresentar o conceito de criação como essa perspectiva de estarmos em constante reinvenção, refletindo sobre nós mesmos e sobre as inúmeras possibilidades de desafios que o social nos implica. Nessa relação entre o imaginário instituído, aquilo que nos é dado pela história e pela sociedade, o conjunto de valores, normas, princípios, conhecimentos que nos precedem e o imaginário instituinte que nos proporciona a reflexão constante e a contestação de certos aspectos, é que estão as estruturas capazes de possibilitar as transformações do social. Associando esses conceitos com a prática psicanalítica, podemos perceber a proximidade com a educação e a condição de criadores do nosso próprio espaço-tempo.

A criação não é algo apenas absolutamente novo, é também algo que rompe com o velho, com o modo tradicional de construção de sentido. Uma criação é sempre uma enquanto imaginário e outra enquanto produção, e ao estar susceptível às interpretações de outrem, não é mais completamente como foi imaginada pelo seu criador.

O lugar da criação no proceso de educação

O fato de estarmos em constante desenvolvimento, aprendizagem e evolução nos coloca diante de inúmeras possibilidades de reflexão. Somos capazes de criar porque somos capazes tanto de conhecer àquilo que nos precede, quanto refletir e “radicalizar”, adicionando elementos, desconsiderando outros, enfim, criando novas formas de pensá-los². Invariavelmente existem questões instituídas na sociedade que não temos força e/ou



IV Encuentro de Investigación de Ciencias Jurídicas Humanas y Sociales

Nada vale la ciencia si no se convierte en Conciencia

24 Y 25 DE AGOSTO DE 2018 | CAMPUS URBANO | UNAe | ENCARNACIÓN, PARAGUAY



UNIVERSIDAD
AUTÓNOMA DE
ENCARNACIÓN

argumentação para modificar, outras que podemos pensar infinitamente e ainda não encontraremos forma melhor de fazê-las e àquelas que conseguimos, podemos, e muitas vezes devemos transformar.

Temos então a imaginação radical como criadora de todo o manifestado, de toda a fenomenalidade – phainomenon e fñantasia têm a mesma raiz; portanto, criadora também desse ‘ramo’ de nossa experiência que é a sensibilidade elementar. Há um papel imenso da imaginação radical no manifestável, e esse papel supera o ‘manifestável’ no sentido próprio, pois é também posição de tudo o que não é ‘manifestação’ de um ‘manifestável’. Não sei de qual ‘manifestável’ os sacrifícios humanos dos astecas eram ‘manifestação’. Nem de qual ‘manifestável’ a sonata nº 32 de Beethoven e a catedral de Amiens são ‘manifestação’. Não são ‘manifestações’ de um ‘manifestável’ que existiria antes e fora deles; trata-se de criações, de posições e é a partir dessas posições que há manifestação do manifestável. Quando olho uma árvore, ainda posso falar da manifestação de um manifestável. Não posso fazer existir, radicalmente, uma árvore. Mas mesmo aqui, a manifestação como tal e em seu ser-assim é minha criação – ou criação humana (CASTORIADIS, 2007, p. 486).

E neste lugar de reflexão, transformação e exercício instituinte, Castoriadis vai dar espaço para a criação. Criação que é sempre do indivíduo e da sociedade, nunca apenas de uma parte. Outro aspecto que merece toda nossa dedicação neste momento da pesquisa está na relação entre os aspectos concebidos por Castoriadis sobre a criação e seu vínculo com a educação.

[...] toda maturação, todo desenvolvimento e toda educação são o estabelecimento de facilidades, quer tomemos o termo no sentido “material”, neurofisiológico, ou no sentido psicológico. Essas facilidades são históricas nas duas acepções do termo: constituem em primeiro lugar a história do ser considerado, mas também dependem (*via* educação no sentido mais amplo) da história coletiva à qual esse ser pertence (CASTORIADIS, 2006, p. 234).

Ao longo de toda sua teoria Castoriadis vai reforçar o valor da história e da tradição, na constituição do humano e no fazer educação. Ele relaciona a aprendizagem aos aspectos do sujeito, da subjetividade e do estabelecimento de vínculos, de certa forma do “exemplo”, está estruturado no estabelecimento das relações entre os sujeitos, que possibilita o surgimento de significantes que organizam, valoram, regulam e estruturam o social. O conhecimento também compõe essas significações e pela educação é transmitido às novas gerações. A saber, Castoriadis vai afirmar inúmeras vezes que a educação não se limita a uma instituição ou a uma determinada fase da vida, ela inicia com o nascimento e termina apenas no momento da morte.



IV Encuentro de Investigación de Ciencias Jurídicas Humanas y Sociales

Nada vale la ciencia si no se convierte en Conciencia

24 Y 25 DE AGOSTO DE 2018 | CAMPUS URBANO | UNAe | ENCARNACIÓN, PARAGUAY



UNIVERSIDAD
AUTÓNOMA DE
ENCARNACIÓN

Ao refletir sobre as relações entre a psicologia com abordagem psicanalítica e a pedagogía podemos perceber a preocupação em desenvolver a capacidade reflexiva do sujeito. Segundo a definição de Castoriadis, para estas áreas do conhecimento, sendo contemporâneo de Morin, ele corrobora com as questões da complexidade e vai fazer uma importante relação sobre a educação como responsável pelos processos de aprender a aprender, aprender a descobrir e aprender a inventar. O que aqui muito nos interessa por incentivar o aprender a inventar como forma de possibilitar ao sujeito reinaugurar o velho e criar novas formas de construir o seu próprio conhecimento.

Para pensar essa intervenção da educação como instituição que promove a descoberta e a criação, Castoriadis se associa a outros filósofos e pensadores da educação, e resgata a importância da tradição nesse processo. Podemos pensar desta maneira que o passado é quem “dá as tintas”, quem sustenta o conhecimento, a própria sociedade, se há possibilidade de existência de um imaginário instituído, ele está na tradição e é a educação a responsável por transmiti-lo às novas gerações. Isso não significa o engessamento dessa tradição e nem a imposição do imaginário instituído. O autor acredita que é por conhecer profundamente esse imaginário que o sujeito é capaz de radicalizar sobre, imaginar e reinstaurar esse social, o que seria o exercício do imaginário instituinte (sempre em transformação). Esse torna-se o papel do sujeito no mundo, colocar-se no e para o mundo e transformar o mundo à sua necessidade, ao mesmo tempo em que se adapta às transformações e imposições do mundo social.

O que parece ser de extrema importância aqui é percebermos o quanto a temporalidade, a história e os valores são marcas que interferem significativamente na capacidade de criação social. Sendo o humano, invenção do social, o elemento “tempo” passa a ser um dos fatores que regula o humano, organiza sua estrutura e as possibilidades de estabelecimento de relações.

O tempo pertence a todo sujeito – a todo ser para si. É uma forma de autodesenvolvimento de todo ser para si. O ser para si (por exemplo, todo ser vivo) é criação de um interior, isto é, de um mundo próprio, organizado em e por um tempo próprio (*Eigenzeit*) (CASTORIADIS, 2006, p. 274).

E a educação acaba por necessariamente se organizar a partir desses aspectos sociais, a história, a cultura, os valores, as tradições e o tempo. Castoriadis vai afirmar



IV Encuentro de Investigación de Ciencias Jurídicas Humanas y Sociales

Nada vale la ciencia si no se convierte en Conciencia

24 Y 25 DE AGOSTO DE 2018 | CAMPUS URBANO | UNAe | ENCARNACIÓN, PARAGUAY



UNIVERSIDAD
AUTÓNOMA DE
ENCARNACIÓN

que em primeira instância o Ser é fadado ao caos, são as instituições imaginárias instituídas pela sociedade que passam a regular e a organizar esse caos, possibilitando a estruturação do sujeito. Ao longo do tempo, ele passa a conhecer as marcas desse social e construindo suas próprias formas de representar esse social em seu imaginário, transformando-o e exercendo suas influências no social em que está inserido. É certo que para exercer esse movimento o sujeito precisa de elementos que valorem a sua opinião, ou seja, precisa exercitar a sua autonomia, que é, também, dada pelo mundo social e histórico.

Apenas em sociedades que possibilitam o exercício da autonomia que o imaginário instituinte consegue transformar o instituído, em todas as outras, as instituições não permitem nenhum tipo de mudança no legado da tradição e o imaginário radical encontra poucos caminhos para exercer sua capacidade de criar.

O campo da imaginação é um campo intermediário, e para Castoriadis, assim como para Kant, essa dimensão da imaginação, como instância, vai permitir a emergência do entendimento sobre o mundo.

A imaginação é a capacidade de fazer surgir algo que não é o “real”, tal como descrito pela percepção comum, a *Lebenswelt* de Husserl e de Heidegger, ou a física. É, portanto, toda a *criação de um mundo para-si* do sujeito. A imaginação já é o desdobramento de um espaço e de um tempo. E a cada um de nós possui seu espaço e tempo próprios. Como chegamos a ter um espaço comum, coletivo, social? E, o que é ainda mais difícil: um tempo comum? Esse último, nós jamais atingimos (CASTORIADIS, 1999a, p. 101).

A noção de imaginário e as contribuições para a formação da sociedade, a partir dos conceitos de imaginário instituído e imaginário instituinte, são sem dúvida o maior legado teórico de Castoriadis. Está aí outra importante questão do autor para pensar a educação, que deve invariavelmente ser pensada e construída pelos agentes que participam da educação, carregados de seus conhecimentos sobre o fazer educação e sobre a prática educativa. Para o autor é por refletir sobre a educação, na tradição (nunca dissociadas), que somos capazes de pensar a interação entre os sujeitos e o modo como eles vivem no mundo, o modo como eles compreendem o mundo, e isso é de certa forma sempre uma possibilidade de inserção desses sujeitos no mundo instituído, é uma condição para torná-los humanos e humanizá-los.



24 Y 25 DE AGOSTO DE 2018 | CAMPUS URBANO | UNAe | ENCARNACIÓN, PARAGUAY



UNIVERSIDAD
AUTÓNOMA DE
ENCARNACIÓN

Na medida em que eles entram nesse magma de significações que é próprio do mundo social e histórico, a grande radicalidade, da prática educativa, é que ela “inventa” o humano, ela “cria” os indivíduos: a instituição educativa é uma das instituições sociais que “fabrica” os indivíduos. É essa criação/invenção/fabricação dos indivíduos, pelo magma de significações, que permite ou não, a sua liberdade, que permite, ou não, a sua autonomia.

Criação e sua relação com a aprendizagem

Como o próprio Castoriadis aborda, a pedagogia e a psicanálise, tem papel fundamental, pois possibilitam ao sujeito a autorreflexão, garantindo a sua ativa relação com o social. Sem os conhecimentos inaugurados pela pedagogia o indivíduo não se estabelece como indivíduo social participativo e sem a análise este indivíduo não reflete sobre suas limitações, mantendo essas limitações individualmente e nas relações sociais. Sob este referencial teórico é possível perceber a proximidade existente entre as áreas do conhecimento abordadas nesta pesquisa e a sua estreita relação com os conceitos de autonomia, imaginário e criação. Segundo Valle (2008, p. 508), “Comprometidas com o projeto democrático, política, educação e psicanálise têm por fim a autonomia, isto é, uma atividade efetiva de autoalteração dos indivíduos e sociedades” – e esta atividade demanda a reflexão, o sentido e a construção teórica.

Em suas pesquisas e reflexões sobre Castoriadis, Valle (2008, p. 40), também corrobora com a premissa de que a “liberdade humana significa autocriação”, e para além da relação entre a liberdade e a capacidade de criação, a autora ainda afirma em outra obra, que há de se ter cuidado para não reduzir a dimensão simbólica inteiramente a criação e de “reduzir o imaginário apenas ao terreno do simbólico”, devendo ser importante enfatizar que ao campo do imaginário e do simbólico compreendem “a ação humana na criação do indivíduo social e das sociedades: questões enfim como liberdade, poder de emancipação e de deliberação humanas” (VALLE, 1997, p. 55) e para que haja possibilidade de abrir espaço para o conceito de criação também há de haver um “espaço permanentemente aberto da criação humana e da deliberação democrática” (VALLE,



IV Encuentro de Investigación de Ciencias Jurídicas Humanas y Sociales

Nada vale la ciencia si no se convierte en Conciencia

24 Y 25 DE AGOSTO DE 2018 | CAMPUS URBANO | UNAe | ENCARNACIÓN, PARAGUAY



UNIVERSIDAD
AUTÓNOMA DE
ENCARNACIÓN

1997, p. 55). Nesta perspectiva, o conceito de criação está intimamente relacionado com a possibilidade de liberdade de expressão, com o conceito de democracia e com a capacidade do sujeito deliberar sobre seus pensamentos, reflexões, atitudes e recriação do imaginário instituído, bem como o pensamento do que seja verdadeiramente verdade.

Este, sem dúvida, é o maior compromisso que temos em relação à educação neste “nosso tempo”, provocar a reflexão, a autonomia, a valorização da tradição e a recriação dos conhecimentos, retomar o valor necessário ao processo de formação de cada indivíduo. Um importante exercício, que poderíamos fazer diariamente na prática educativa, é exercitar a reflexividade, nos questionarmos sobre que tipo de professores somos e/ou queremos ser? O que almejamos despertar nos alunos? Como “ensinar”, “transmitir”, “despertar”, um amor que não sabemos sentir, um conhecimento que também não desperta em nós a vontade de aprofundar ainda mais? Talvez a reflexão seja: o quanto os professores de hoje estão lendo, conhecendo verdadeiramente sua história, para possibilitar que seus alunos também o façam?

Os termos “reflexividade” e “vontade” são abordados por Castoriadis, de maneira extremamente relevante, e mesmo, a “vontade”, por muito tempo, considerada pela ciência e pela filosofia de maneira pejorativa, é ela quem determina a capacidade ou o nível de reflexividade que o sujeito irá explorar no seu imaginário, sobre cada assunto ou tema que a ele se apresente. A capacidade de imaginar é um exercício de reflexividade constante, de pensar sobre todas as possibilidades e imaginar cada detalhe, cada aspecto que compõe o sujeito.

A reflexividade é o saber que sabemos, e interrogar-se sobre tal saber é transformar uma atividade em objeto e explicitar o si sob a forma estranha de um objeto não objetivo, ou de um pseudo-objeto, do qual sabemos que ele é objeto por posição, e não por natureza (CASTORIADIS, 1999b, p. 45).

A vontade é apenas a dimensão reflexiva do que somos como seres imaginantes, isto é, inventores; ou, dito de outra forma, a dimensão reflexiva e prática da imaginação, fonte de criatividade que, evidentemente, deve se basear no acesso do sujeito a um reservatório de energia psíquica (CASTORIADIS, 1999b, p. 45).

Outro fator extremamente relevante associado à capacidade reflexiva e a vontade de sempre instigar mais a imaginação, aprofundar os questionamentos, radicalizar profundamente, está no que subsidia este pensamento reflexivo: os conhecimentos que



IV Encuentro de Investigación de Ciencias Jurídicas Humanas y Sociales

Nada vale la ciencia si no se convierte en Conciencia

24 Y 25 DE AGOSTO DE 2018 | CAMPUS URBANO | UNAe | ENCARNACIÓN, PARAGUAY



UNIVERSIDAD
AUTÓNOMA DE
ENCARNACIÓN

compõe o sujeito e são capazes de provocar esse imaginário criador, que primeiro conhece, depois radicaliza e, por último, transforma. A aprendizagem e o conhecimento são essenciais para que o sujeito possa transformar o que lhe foi apresentado em algo novo, mesmo sem a pretensão de ser melhor ou pior, mas com o objetivo de que seja seu e que não irá perdê-lo.

Esta habilidade de aprender e de construir representações imaginárias para o conhecimento não acontece com todas as informações a que temos acesso, mas com aquelas às quais tivemos a “vontade” de produzir representações imaginárias através da reflexividade. Castoriadis vai afirmar que é papel dos educadores ensinar o aluno a “aprender a aprender”, mas ele jamais deixa esta definição desacompanhada da necessidade de fazê-lo através do acesso aos conteúdos prévios, aos conceitos e aos conhecimentos, já reconhecidos pela ciência e pelo social, os conteúdos que foram simbolizados e compreendidos através da representação imaginária de cada aluno e que lhes acompanha a cada novo aprendizado.

Aprender é sempre aprender algo novo de novo e construir novas maneiras de ressignificar este aprendizado. E Castoriadis (1987, p. 281) ainda vai nos provocar sobre o quanto esta “maneira de pensar”, também é algo aprendido na vida social, no âmbito das instituições nas quais estamos inseridos.

Essas significações imaginárias que são estabelecidas na e pela sociedade são, para Castoriadis (1985, p. 30), “criação” do imaginário dos indivíduos que compõem esta sociedade e este imaginário social que configura uma sociedade instituída e que temos a responsabilidade e, talvez até, a obrigação de “não transformá-la em outra ‘coisa’, outro ‘sujeito’, outra ‘ideia’”. Absolutamente todas as representações da sociedade são criadas pelo imaginário que vai se instituindo à medida que as pessoas constroem relações e integram suas ideias.

Seguindo esta perspectiva, a educação se faz na esfera do mundo social e histórico e desafia aos sujeitos da educação a permanentemente criar e problematizar as representações imaginárias da sociedade. A sociedade que é, em primeira instância, um “oceano” pronto para nos fazer imergir e tornar nossa subjetividade apenas uma gota igual



IV Encuentro de Investigación de Ciencias Jurídicas Humanas y Sociales

Nada vale la ciencia si no se convierte en Conciencia

24 Y 25 DE AGOSTO DE 2018 | CAMPUS URBANO | UNAe | ENCARNACIÓN, PARAGUAY



UNIVERSIDAD
AUTÓNOMA DE
ENCARNACIÓN

a todas às outras gotas que o compõe, sem início, meio ou fim, e que demanda de cada sujeito que se coloque como “gota fundamental” nesse mar de conhecimentos que o circundam. É o próprio exercício de criar e simbolizar o conhecimento, quem possibilita que sejamos uma gota significativa em meio a este “oceano social-histórico”, apresentado pelo próprio Castoriadis (2006, p. 141), nesses termos.

A necessidade de uma sociedade que reconheça a história, reconheça a tradição e reconheça que este oceano é formado pelos “vinte e dois séculos de interrogação e outro tanto de dúvida” (CASTORIADIS, 2006, p.141). E a partir disso elaborar um imaginário capaz de questionar mesmo o que parece inquestionável e capaz de provocar mudanças na sociedade.

Considerções finais

A perspectiva aquí apresentada, a partir das contribuições de Castoriadis, de que tudo pode ser criado é fenomenal na e para a educação, pois almejamos essa possibilidade de autenticidade na educação. A criação na educação nos desacomoda na própria educação, nos provoca a refletir sobre cada representação, sobre cada conteúdo, cada postura, ou seja, sobre absolutamente tudo que rege e tange o processo educacional. Reconhecer que o processo educativo precisa ser respeitado como instituído, mas precisa ser repensado como instituinte, é provocar a mudança constante, mas não a mudança pela mudança, mas sim a criação a partir de algo que já foi vivido e experienciado.

Para que possamos exercer o poder desse pensamento ampliado, que vai além das possibilidades, e que é efetivamente criador de uma nova realidade, precisamos nos desafiar. Precisamos colocar em exercício esse imaginário radical poderoso, capaz de questionar tudo que já fora instituído e valorizar tudo que já fora instituído. Criar é sempre pensar além, se permitir realizar um esforço do pensamento, uma ligação que é religação, que associa as coisas que aparentemente estariam desassociadas e que muda a sociedade na medida em que muda o próprio sujeito. Interconexões, relações, vínculos, existem em tudo. O aspecto educacional da criação está no ampliar horizontes, permitir ao imaginário



relacionar os conhecimentos de maneiras diferentes e ao estabelecer essas novas maneiras de ver o mundo humano, constituir novas formas de fazer o mundo humano.

Referencias

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Trad. Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. (Coleção Rumos da Cultura Moderna; v. 52).

CASTORIADIS, C. **As encruzilhadas do labirinto II: os domínios do homem**. Trad. José Oscar de Almeida Marques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CASTORIADIS, C. **As encruzilhadas do labirinto III: o mundo fragmentado**. Trad. Rosa Maria Boaventura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

CASTORIADIS, C. **As encruzilhadas do labirinto V: feito e a ser feito**. Trad. Lílian do Valle. Rio de Janeiro: DP&A, 1999a.

CASTORIADIS, C. **Os destinos do totalitarismo & outros escritos**. Trad. Élvio Funck e Zilá Bernd. Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1985.

CASTORIADIS, C. Para si e subjetividade. In: PENA-VEGA, A.; ALMEIDA, E. P. (org.). **O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999b.

CASTORIADIS, C. **Sujeito e verdade no mundo social-histórico: seminários 1986-1987: a criação humana I**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

ROTOLO, T. M. S. **O elogio da política: práxis e autonomia no pensamento de Cornelius Castoriadis**. 2011. Tese (Doutorado), Universidade de Brasília, 2011.

VALLE, L. **A escola imaginária**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1997.

VALLE, L. Castoriadis: uma filosofia para a educação. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 29, n. 103, p. 493-513, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 25 mar. 2015.